

AIDS: DE ENCONTRO A UMA NOVA VIDA SUPERANDO LIMITES

Ano de 1999. O destino coloca em meu caminho o maior desafio que um ser humano pode esperar, a luta pela vida.

Tudo começou numa viagem de férias, quando resolvi visitar minha mãe, vítima de câncer. Ela se encontrava num momento muito crítico da doença. Mas eu tinha de voltar à minha vida normal. Voltei.

Depois de alguns dias, vendo que minha mãe não resistiria a tamanho sofrimento por muito tempo, decidi então voltar a São Paulo e fazer o que qualquer filho de bom senso faria.

Abandonei casa, trabalho, amigos, enfim, um projeto que tinha ao longo da minha vida. Tudo isso porque o último desejo explícito da minha mãe foi ter a presença dos nove filhos ao seu lado na hora de sua inevitável partida.

O que eu não podia imaginar era que abandonando tudo para ficar com a pessoa que eu mais amava, essa pessoa (minha mãe) estaria salvando minha vida.

No dia 27 de julho, após ficar 10 dias ao seu lado, senti os sintomas que já me perseguiram voltando a se manifestar. Isso mesmo, eu já sentia os principais sintomas de vírus da Aids, como: suores noturnos, febres de 39 graus, manchas na pele, perda de peso, diarreia e fraqueza generalizada. Passei por vários médicos em São Paulo, mas nenhum tentou descobrir a causa dos sintomas. Convencidos da gravidade da situação, os meus irmãos não deixaram por menos: levaram-me a um consultório médico e exigiu a solicitação de todos os exames possíveis, inclusive o teste Anete-HIV. O resultado não poderia ser outro. O maldito vírus já havia sugado parte da minha energia deixando-me bem próximo da morte. Porém, o que se esperava consumou: driblei a morte e estou tendo a honra de escrever cada detalhe de uma difícil experiência.

Ao lado da minha mãe, eu fui aprendendo a conviver e a aceitar os limites aos qual a vida me enquadrara. Ela faleceu em novembro de 2000 deixando um exemplo de vida, amor e muita sabedoria. Eu assistia atentamente a todas as cenas de tortura, dor e angústia que minha mãe protagonizara. Isso pra mim era como um estágio, uma preparação para uma carga de infecções oportunistas que estavam por vir. E não demorou muito para aparecer a primeira delas: Herpes Zoster. O micróbio corria parte do meu tórax deixando-o em carne viva. Depois disso se resolver, quando tudo parecia estável, eis que surge o câncer no linfoma. Mais uma vez, a minha família se viu às voltas comigo em busca de soluções.

Iniciei-se a quimioterapia. A cada aplicação eu me sentia mais fraco, foram 12 sessões de quimioterapia. Eu achava que aquela angústia ia se findar a qualquer momento, pois o meu organismo dispunha de pouca defesa. Entretanto, a cada segundo, as cenas de sofrimento da minha mãe vinham mais e mais fortes em minha mente, fazendo-me acreditar que venceria mais este terrível drama.

Depois de ter feito a cirurgia e intermináveis sessões de quimioterapia, a recuperação não tardou muito e minha estrutura física se restabeleceu. Fiquei longo meses sem sentir nenhuma recaída.

Um dia, ao voltar de uma pescaria, uma forte dor abdominal fez-me parar novamente no hospital. Tratava-se de uma obstrução intestinal. Não havia outra saída a não ser submeter-me a outra cirurgia. Saí do hospital no dia 14 de março. Respirei aliviado, mas logo pensei: qual será o próximo inimigo que terei de enfrentar? A resposta veio no dia seguinte, menos de 24 horas depois. E 15 de março fui internado com pneumonia. Comecei a me acostumar com o hospital. Esta passou a se minha segunda casa. Afinal, minha passagem ali não era das piores. Fiz um monte de amizades e, de quebra, arrumei uma namorada tão sacana que quase complicou a minha vida. Não foi uma experiência gloriosa, mas serviu de lição.

Aprendi que um soro positivo pode ter todos os sentimentos do mundo, menos o afetivo. De tempos em tempos vou me adaptando a este mundo que todo HIV positivo constrói à sua volta. Se me perguntassem se eu gostaria que descobrissem a cura, responderia que para os outros sim, pra mim não. O processo de readaptação à sociedade seria a longo prazo e eu não saberia como lidar com tanta hipocrisia.

Tornei-me fiel à qualidade de vida que hoje vivo. A cada dia que passa, convenço-me que o sonho não acabou. Como testemunho disso, comprei um terreno e estou construindo um novo lar. Se a vida é feita de desafios, porque não viver quebrando barreiras e superando limites?

A morte é para todos, mas a vida é para aqueles que lutam até a última gota de sangue pelo prazer de viver. Só um ser poderá impedir-me de continuar a ir em busca de meu objetivo, o qual é encontrar a felicidade plena, mesmo sendo soropositivo. Esse ser existe e está entre o céu e a terra. O seu nome é Jesus, o filho de Deus. Aquele que tem o domínio sobre toda criatura do universo. Eu sei que todo portador do vírus HIV tem a capacidade de ter uma vida melhor, não importando se tiver que bater de frente com os obstáculos que encontrar pelo caminho.

Eu derrubei várias barreiras por acreditar que, tornando-me o mensageiro das boas causas, teria um retorno satisfatório. Esse retorno veio com a minha garra e perseverança. Conquistei um nível considerável, bem acima do que esperava diante da sociedade. Ainda existem pessoas de caráter excepcional que nos dão razões, para prosseguir.

Se eu pudesse, escreveria todos os dias uma página, contando as glórias e fracassos que se tornaram freqüentes em minha jornada, na tentativa de conscientizar a sociedade sobre o avanço dessa pandemia chamada “**SINDROME DA IMUNODEFICIÊNCIA ADQUIRIDA**”- **AIDS**. Mas a minha história ainda não chegou ao fim. Só espero que ao término desta corrida, eu tenha conseguido deixar uma mensagem positiva a todos que procuram uma luz no fim do túnel. Às vezes, o interruptor está a nossa frente, no entanto, o desespero e a falta de esperança nos cega, envolvendo-nos ainda mais na escuridão.

A minha luta pela igualdade infelizmente não tem dado bons resultados, mas não vou encarar meus fracassos como uma derrota. Muito menos acreditar em utopia. Desde a década de 80, os cientistas fazem pesquisas em busca de soluções de combate ao vírus da Aids. Até agora, tudo o que conseguiram foi prolongar e dar mais qualidade de vida aos portadores através dos antiretrovirais. Eu sei muito bem que pode nos acontecer, se caso deixarem de acreditar em seus ideais. Ocorrerá uma enorme devastação humana, em que milhões de famílias chorarão por um ou mais entes queridos. Considerando se o que faço é uma utopia ou não, não sei. Mas continuarei cumprindo a missão de levar a mensagem onde quer que eu vá. Cruzar os braços diante de uma situação de altíssima periculosidade com a expansão do vírus do HIV é simplesmente ignorar a doença, enquanto sabemos que inúmeras pessoas ficam contaminadas bem debaixo do nosso nariz.

Onde foram parar as campanhas de combate à Aids? Ou a nação esqueceu que o vírus é mortal, principalmente se a pessoa não tiver um bom equilíbrio emocional e terapêutico rigoroso. Perde-se o medo de tão assustadora sombra da morte?

Quero lembrar caros leitores, que o coquetel nos dá a garantia de uma vida mais longa, mas não a garantia da reintegração social.

Recentemente, fiz uma viagem para onde eu temia voltar: São Paulo. O medo de não ser bem recebido pelos amigos me dominava. Para minha total surpresa, foi a melhor recepção que eu tive. Algumas pessoas até exageraram dando-me o título de herói. Na verdade, não existe heroísmo em mim, existe sim um homem tentando mudar os conceitos de uma sociedade que, apesar da transparência que se tem sobre a doença, discrimina um soropositivo. É inaceitável a diferença que predomina em grande parte da população. A Aids é com a gravidez, pode pegar na primeira relação sexual. Não tem mais por que pensar “comigo não vai acontecer”.

Como soropositivo, sou a favor de divulgação em campanhas e jornais os números de infectados existentes em nosso município. Talvez isso possa inibir jovens e adultos a agir sem pensar. Assim, nos momentos de devaneio, eles passariam antes de entregar ao sexo sem a devida proteção.

EVITE AIDS

Proteja-se

Romildo O. de Leite
Viçosa 22 de março de 2006